



A VIOLÊNCIA NO PROCESSO EDUCATIVO: RELAÇÕES E CONSEQUÊNCIAS

Nathália Masson Bastos, Thainá Pereira Barros, Riselda Maria de França Oliveira; Juliana Linhares de Oliveira

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro nathaliabastos03@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio de Janeiro thainacp2@gmail.com; Universidade do Estado do Rio de Janeiro oliveira.riselda@gmail.com;
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, julinharesoliveira@gmail.com*

Resumo:

Diante das várias formas de violência, este trabalho tem como objeto de estudo a violência que ocorre dentro do ambiente escolar, pretende-se assim uma reflexão acerca da relação entre educação e a violência. Essa reflexão parte do pressuposto de possíveis relações com fatores externos e internos e suas consequências para a trajetória escolar dos alunos. Têm-se como objetivo compreender os diferentes aspectos que envolvem a violência, como estes se dão e como influenciam o sujeito em suas dinâmicas na sala de aula. A abordagem metodológica foi a pesquisa recursiva de vídeos de sala de aula das turmas de quarto e sexto ano de uma escola pública de Nova Iguaçu no ano de 2011. Este trabalho se justifica pelo entendimento de que a escola é a segunda maior instituição depois da família e que esta, por ser parte da educação formal, acaba sendo também responsável pelos efeitos e percepções que as crianças têm sobre a violência. Desta forma, a escola é o local em que o sujeito adquire mais do que conhecimento científico, é onde também desenvolve seu caráter e personalidade, ainda que a mesma reproduza o comportamento da sociedade influenciada por fatores sociais, políticos, econômicos e históricos. Portanto este trabalho busca uma reflexão para que possa ajudar a compreender as ações violentas dos sujeitos no ambiente escolar.

Palavras chave: violência, sala de aula, escola, aluno.



INTRODUÇÃO

Diante de várias formas de violência, este trabalho objetiva estudar as violências que ocorrem dentro do ambiente escolar e tenta compreender suas causas e consequências para a aprendizagem do aluno.

Escolheu-se a escola por duas razões. A primeira razão é por entendermos que ela é um espaço de aprendizagem e convivência promovendo assim o desenvolvimento e aprimoramento bio-psico-social. A segunda razão, por ser um direito de todos o acesso à escola e à educação de qualidade. Direito esse assegurado pelo ECA, na Lei nº 8.069/1990 no Art. 4º - É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Pretende-se neste trabalho refletir acerca da relação entre educação e violência. Ao estudar a violência é preciso ter em mente que é um conceito multifacetado, por isso, busca-se aqui um conceito norte para nortear este trabalho. Etimologicamente, o termo violência vem do latim, “violentia”, que significa violência, caráter bravio. Tais significados estão constantemente relacionados a uma forma de força ou potência, que agride, transgride algo ou alguém. Michaud (1989) afirma que “a força se torna violenta quando passa da medida ou perturba uma ordem”.

Este trabalho pauta-se em Charlot (1997 *apud* ABRAMOVAY, 2002 p.21) para entender em que aspectos a violência será abordada. De acordo com a sua classificação, a violência é dividida basicamente em três formas: a primeira forma de violência se refere a golpes, violência sexual e crimes no geral. A segunda, chamada de incivildades se refere à falta de respeito e humilhações. Já a terceira forma, a violência simbólica ou institucional, se refere às relações de poder.

Este trabalho se justifica por entendermos que a escola é a segunda maior instituição depois da família e que esta é parte da educação formal, ela acaba sendo também responsável pelos efeitos e percepções que as crianças têm sobre a violência. De acordo com Chitrali (2015), a melhor forma de entender como a violência ocorre é através dessa observação.

Diante desta observação, percebeu-se que a violência é estruturada na escola assim como em qualquer instituição. Esta por vezes é reflexo do que ocorre fora dela, por exemplo, do acontece no bairro onde as crianças moram, dos contextos familiares e etc. Coadunando com o pensamento de Chitrali (2015), a criança que cresce em um ambiente violento, em seu futuro corre o risco de ter o



seu desenvolvimento considerado como frustrante e conflituoso, podendo refletir em seu comportamento em todas as esferas sociais em que faz parte.

Este trabalho acredita em uma Educação baseada nos Direitos Humanos como um caminho no combate à violência por acreditar que esta Educação pode contribuir para a formação da pessoa em todas as suas dimensões e para o desenvolvimento de sua condição de cidadão e cidadã, ativos na luta por seus direitos, e no cumprimento de seus deveres. Segundo BENEVIDES:

A Educação em Direitos Humanos parte de três pontos: primeiro, é uma educação permanente, continuada e global. Segundo, está voltada para a mudança cultural. Terceiro, é educação em valores, para atingir corações e mentes e não apenas instrução, ou seja, não se trata de mera transmissão de conhecimentos. Deve abranger igualmente, educadores e educandos. (BENEVIDES, 2007).

Assim, quando a escola e os professores negam a existência e a possibilidade de um diálogo aberto e franco com os alunos sobre determinadas incivildades e abusos no cotidiano escolar como formas de violências, estão ignorando e perdendo uma oportunidade pedagógica de formar pessoas dentro de um contexto voltado para a cultura de paz e solidariedade.

Desse modo, a Educação em Direitos Humanos tem como artefato uma educação voltada para a transformação cultural que se constitui da vivência de valores tanto por professores quanto por alunos na prática educativa cotidiana.

METODOLOGIA

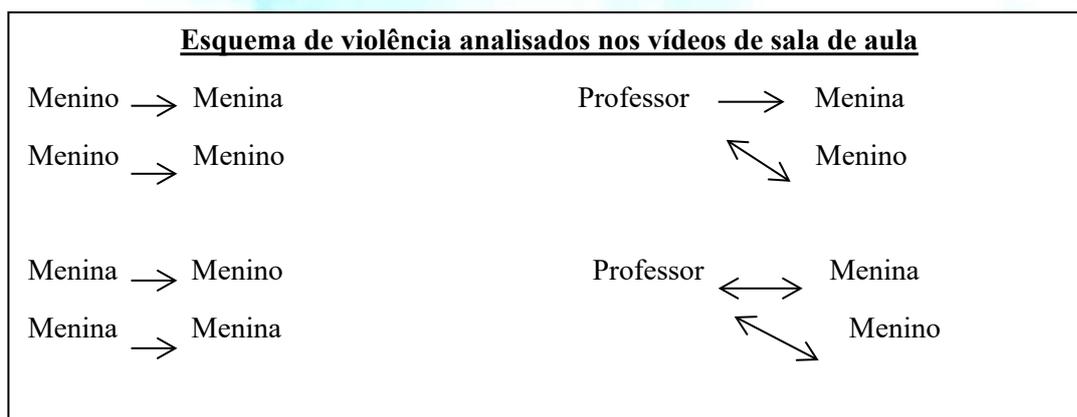
O trabalho foi elaborado em três etapas. Na primeira etapa, foi feita a seleção de vídeos de sala de aula do Colégio Estadual Vinheira Miranda, situado em Nova Iguaçu no Rio de Janeiro. Vídeos estes da pesquisa de campo realizada no ano de 2011 pela equipe NetEDU da Universidade do Estado do Rio de Janeiro coordenada pela Prof. Dr. Carmen Lúcia Guimarães de Mattos do qual as autoras deste trabalho são membros desde o ano de 2014. Foram selecionados 11 vídeos, dentre eles, aulas de português, geografia e matemática de turmas do 4º e 6º ano. A segunda etapa consistiu na análise destes vídeos, dando ênfase nas situações em que ocorriam sinais de violência seja simbólica, física ou psicológica; entre os alunos e entre os alunos e professores e vice-versa.

A pesquisa recursiva se baseará nos registros dos dados obtidos mediante a análise das entrevistas etnográficas e vídeos. Acredita-se que, através destas análises, é possível explicar o contexto de sala de aula. Após a identificação dos contextos, e observação das relações em que ocorrem algum tipo de violência, que são pertinentes ao objeto de estudo, será elaborada uma articulação entre os mesmos e o contexto da escola e sociedade. Não se trata de construir uma nova



filmagem do que está sendo observado, mas observar e entender através das ligações feitas entre os elementos encontrados, novas perspectivas do que foi filmado. A análise foi realizada em duas etapas: a primeira descreve o que está ocorrendo e na segunda compreende as relações descritas, ou seja, a interpretação dos dados encontrados.

A terceira etapa relaciona imagens derivadas dos vídeos de sala de aula com o aporte teórico. Foram utilizados autores como: Abramovay (2002), Bragança e Mattos (2007), Chitrali (2015), Dubet (2003), Feijó e Assis (2004), Freire (1987) entre outros.



Fonte: Autoras (2015).

Inicialmente fez-se uma reflexão sobre prática educativa que nos remete ao termo Educar que procede do latim Educere e “(...) Educere significaria, conduzir alguém algo para fora do lugar onde se encontrava; levar para fora; conduzir ou levar alguém no seu sair fora do lugar onde estava” (CRITELLI, 1981, p. 43)

Essa reflexão nos levou, como já foi exposto, à perspectiva dos Direitos Humanos pela afirmação do respeito ao outro e pela busca da paz além dos fundamentos na justiça, igualdade e liberdade. (BRASIL, PNEDH, 2010, p. 15) Essa perspectiva se correlaciona com a violência e com a educação de acordo com Diógenes (s/d) por que:

A problemática dos direitos humanos permanece mais atual que nunca, visto que o problema da essência é o seguinte: Há seres humanos que gozam formalmente de direitos, mas que concretamente não tem acesso a esses direitos e por conta disso são sistematicamente desrespeitados enquanto sujeitos de direitos. (DIÓGENES, p. 6, s/d).

Parte-se do pressuposto neste trabalho que a violência ocorrida na escola, seja entre alunos, entre professor e aluno e vice-versa, entre gestores escolares e alunos ou entre gestores escolares e professores é uma forma de desrespeito ao direito de cada um gozar plenamente da escola, de uma



educação de qualidade, de ir e vir, de expressar sua cultura entre outros.

Este artigo se debruça na concepção de violência para Abramovay e Avancini (2003) onde dizem que “violência é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força. Nega-se, assim, a possibilidade de relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito”. (ABRAMOVAY e AVANCINI, 2003, p.9). Além deste conceito, pretende-se estabelecer um diálogo com outros autores para formar um conceito que consiga abarcar todas as inquietações que se pretende lançar mão a respeito deste tema.

Assim, nos basearemos também em Abramovay e Rua (2002) que associaram os atos violentos a fatores como: gênero, idade, etnia, família, ambiente externo, insatisfação/frustração com as instituições e a gestão pública, exclusão social e exercício do poder. No mapa das violências no Brasil, as autoras detectaram, ainda, que o ambiente onde está inserida a escola, suas imediações, seu contexto, a localização, são os fatores que representam ponto mais crítico de influência à ocorrência de atos violentos mais explícitos. Esse pressuposto também é afirmado por Chitrali (2015) em sua pesquisa onde evidencia que o indivíduo é influenciado pelo seu meio e, a criança que vive em um ambiente instável pode transferir isso para os outros ambientes em que está inserida.

A partir do que foi estudado e observado pela pesquisa recursiva, parte-se do pressuposto de que a violência dita como física subentende-se como algo mais explícito, o indivíduo tem consciência de que ela está sendo uma vítima ou agressor. A violência psicológica é uma agressão emocional, no campo subjetivo através de humilhações e difamações, por exemplo, mas a violência simbólica se dá de forma mais sutil, não é facilmente identificada, pois muitas vezes está enraizada nas nossas atitudes, como a imposição de um pensamento sobre o outro, por exemplo, e por isso pode passar despercebida.

A violência escolar em si não necessariamente ocorre apenas dentro da instituição, mas também no caminho para a mesma, em atividades extracurriculares, passeios e outros locais inerentes à instituição, onde a violência se deu por conflitos iniciados dentro da mesma. Assim, coaduna-se com o conceito de violência do Charlot (1997 *apud* ABRAMOVAY, 2002 p.21) em que a violência é dividida em três níveis, a violência, incivildades e violência simbólica ou institucional, por acreditar que definir violência seja algo muito complexo e que a concepção deste autor é a que melhor exemplifica as questões apresentadas neste trabalho.

Bragança e Mattos (2007) trazem a sua contribuição ainda nesse aspecto, pois nos mostram como a violência também está ligada a pobreza, a mesma ocorre de forma mais frequente em



ambientes mais pobres, caso do município em que a escola está localizada e é aonde também maior parte dos alunos mora, tendo a violência como situação rotineira e comum. Os estudos de Meneghel, Guigliani e Falceto (1998), assim como o de Feijó e Assis (2004), apontam que a família também influi na forma como os alunos se comportam na escola, o sujeito reflete o comportamento visto em casa exercidos por familiares ou figuras que ele têm como autoridade.

Vasconcellos e Mattos () apontam que se o aluno possui uma boa relação com o seu professor, o seu desenvolvimento ocorre de forma mais bem sucedida. O professor deve ser próximo do aluno, o estimular, o conhecer e lhe mostrar a melhor forma de usar aquele conteúdo ao seu favor. Acredita-se então, que quanto melhor a relação aluno-professor menor serão as situações em que a violência ocorrerá em sala de aula entre estes dois personagens, pois muitas vezes o aluno é influenciado pela forma como o professor lhe vê e se este olhar for positivo, o aluno tem mais chances de obter êxito no âmbito escolar. A relação com o professor e com o ambiente escolar é tão importante que Feijó e Assis (2004) apontam a falha nessa como um dos principais motivos de evasão escolar, além da repetência como fato desestimulador e a inserção na vida infracional.

Temos como parâmetro de educação ideal a de Freire (1987), libertadora, igualitária, que valoriza a vivência do aluno, sua realidade, os seus conhecimentos, sendo eles científicos ou não e que prega uma relação respeitosa entre todos os envolvidos, professores, alunos, serventes da escola, comunidade onde cada um tem algum conhecimento igualmente importante a acrescentar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para maior entendimento do tema abarcado neste estudo, a seguir, será descrita uma cena encontrada na análise dos vídeos de sala de aula.

A cena descrita foi gravada no ano de 2011 e faz parte do arquivo de pesquisas etnográficas realizadas pelo Núcleo de Etnografia em Educação (NetEDU). A análise é da interação entre diretora e alunos/ aluno e aluno no cotidiano da sala de aula na ausência do professor regente em uma Escola Pública do Estado do Rio de Janeiro. Utilizam-se nomes fictícios quando se refere aos sujeitos na cena.

Na aula de matemática, o professor David está com uma turma de sexto ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Vinheira Miranda, que conta com, mais ou menos, trinta e cinco alunos. O professor não está em sala, pois a escola está em época de prova e os professores saem da sala algumas vezes para dar suporte em outras durante o período de aula. Entretanto, nessa situação,



a diretora está presente em sala para resolver uma situação de conflito ocorrida no momento em que apenas os alunos estavam presentes.

Evento:

A diretora está em sala tentando resolver uma situação de conflito entre quatro alunos, três meninos e uma menina.

Primeiro ela escuta a reclamação da menina e depois vai “tirar satisfação” com os meninos.

Um deles responde: “AAA, mas você também falou, ele falou!”

Começa então uma discussão em tom alto e agressivo entre eles, o mesmo repete: “A você não falou não? Não falou não?” Se referindo ao seu colega.

A diretora pergunta: “Vem cá, vocês não vão crescer não?”

Os meninos continuam tentando argumentar e ela diz: “Com licença um pouquinho de educação seria bom. Só um pouquinho, não precisa ser muito não porque sei que você não tem. Mas um pouquinho já resolve o problema. Porque que o tempo que você está falando da colega você não está tomando conta da sua? Mais uma fofoca e a turma vai ficar até meio dia.”

O mesmo aluno volta a falar: “Professora, mas ele também falou que....”

Ela o interrompe e diz: “Tá, acabou. Eu falei acabou e morreu o assunto.”

A partir do fragmento trazido para este trabalho, percebe-se que a violência pode ser encontrada em dois momentos. O primeiro, entre os alunos onde precisou que a diretora intervisse e no segundo momento entre a diretora e os alunos envolvidos na situação de conflito. Pretende-se trazer à tona essas duas vertentes, pois foi observado durante a pesquisa que esses dois lados da violência se fazem presentes na escola observada.

A gestão escolar também está envolvida na ação educativa produzida na escola e assim como os professores, também não tem conseguido lidar com esta questão muito bem, denotando despreparo e falta de conhecimento sobre este assunto. “Muitas vezes, na busca ansiosa por ações que amenizem a problemática, o fracasso é inevitável, agravando qualitativamente o desempenho das atividades desenvolvidas no ambiente escolar.” ()

O que se vê, são medidas no combate à violências porém, também são atuações agressivas. Essas ações só atingem superficialmente, porém, seus afeitos são aparentes. Concordando com Guimarães (1996), ao lidarmos com questões de violência utilizando violências ainda maiores, com medidas exclusivamente punitivas, estaremos adiando a questão e camuflando seus efeitos, para que mais tarde tudo volte à tona.

Para evitar esses problemas busca-se uma educação libertadora e igualitária de acordo com os parâmetros de Freire (1987), essa concepção envolve a escuta dos sujeitos, considerando sua realidade e seus fatores econômicos e sociais. Para que esta se de, é necessário que todos os que estão envolvidos no ambiente escolar compartilhem, reconheçam e reproduzam essa mesma ideia.



Porém, na realidade, a escola assume o papel de reprodutora da sociedade e sofre inúmeras violências, podendo até as tê-las em seu interior. De qualquer forma, a escola sempre acaba exercendo algum tipo de opressão nos indivíduos. Por isto, a escola precisa desenvolver práticas para superar tais situações, para que esta violência presente na sociedade não seja reproduzida no seu meio. (BRAGANÇA; MATTOS, 2007). Paulo Henrique Costa Mattos () comenta que,

A escola pública brasileira ainda caracteriza-se, também, como um espaço de reprodução da cultura da violência, da desigualdade, de exclusão ‘da’ e ‘na’ escola, do privilegiamento do ‘eu’ sobre o ‘nós’, da tomada de decisões sobre o funcionamento muitas vezes restrito à equipe diretiva, descomprometida com a construção da não-violência, da cidadania, de sujeitos críticos, éticos e transformadores da vida escolar e da sociedade como um todo

A escola deveria ser um espaço de desenvolvimento do caráter do indivíduo, assim como da sua relação com os outros e com o mundo, ou seja, o aprendizado vai além de conteúdos didáticos. Isso porque, por muitas vezes este é um local de referência para o jovem, sendo o mais importante depois de sua casa. Lá é também o espaço aonde muitas vezes o jovem irá ter a convicção e a noção do que é certo e errado, além do que lhe é ensinado em casa. Portanto, uma relação positiva do aluno com a escola e com os demais naquele meio é de extrema importância, até porque é lá que ele passa a maior parte do seu tempo.

Pode ser observado nos vídeos analisados que a violência pode aparecer de várias formas e podendo estas, se dar de maneira recorrente, em diferentes aspectos e em diferentes instâncias, tanto entre alunos, quanto entre eles com os professores e vice e versa. Bourdieu e Passeron (1975) diante do que estava ocorrendo na escola e das violências simbólicas, físicas e psicológicas trabalharam a “teoria da reprodução”. Ou seja, toda ação pedagógica, enquanto imposição de um poder arbitrário pode ser considerada uma violência simbólica porque é a imposição de uma cultura sobre a outra, no caso da cultura escolar sob a cultura do aluno.

A violência simbólica, mais vista nos vídeos analisados, pode ser vista através da forma como professores (as) e gestores escolares se relacionam com os alunos e como estes tratam uns aos outros, relação essa baseada em gritos, arrogância, ironia e às vezes desrespeito. De acordo com Bordieu (2002), a violência simbólica ocorre no campo da subjetivação e por conta disso afeta as relações que os sujeitos têm uns com os outros e a forma como nos vemos. De acordo com o autor, esse desprezo pela cultura popular ou pela expressão cultural que os alunos possuem, podem fazer com que estes percam sua identidade e pessoal e suas referências, ou seja, naquilo que acreditam tornando-os inseguros, passivos e sujeitos à dominação e aceitação de um lugar pré-concebido na sociedade.



Outra vertente sobre a causa da violência na escola pode estar relacionada a comportamentos sociais dos alunos pode ser estudada também por Feijó e Assis (2004) baseadas na pesquisa de Werner (1990) onde afirmam que jovens e crianças com problemas familiares tendem a ser mais agressivos e a ser tornarem delinquentes, por diversos motivos, como: necessidade de se mostrar o mais “forte” com o intuito de proteger a casa, por falta de carinho, por terem sido rejeitados ou até mesmo por conflitos referentes a sua identidade sexual.

Assis (1999) refere-se a um estudo realizado nos Estados Unidos, em 1988, que aponta que 2,2 em cada 1.000 crianças sobres maus-tratos, desde psicológicos a confinamento. Como por exemplo, muitos alunos moram próximos à escola e estão acostumados a não terem aula por brigas entre facções rivais, por exemplo, portanto, a violência para estes é vista diariamente e se torna rotineira. Sabe-se que a violência é ligada à pobreza e que as regiões mais pobres são as que concentram maiores índices de violência. (BRAGANÇA; MATTOS, 2007)

Diante dessa trajetória de vida que pode influenciar a trajetória escolar, esses alunos, por não encontrarem apoio que necessitam, acabam repetindo o ano e desistindo por possuírem problemas com professores, e outros, sendo forçados a mudar de escola e até mesmo se mudarem da onde moravam e podendo por vezes deixar de estudar. (FEIJO; ASSIS, 2004)

Esses estudos podem ser comprovados por pesquisas e censos realizados por todo o Brasil. A tabela que se segue exemplifica o que foi dito até o momento, evidencia-se que quase metade dos alunos acredita que a violência no ambiente escolar faz com que não consigam se concentrar nos estudos. Uma consequência da violência escolar mais citada pelos alunos é a perda da vontade de ir à escola, expressa em valores que variam do mínimo: Violências nas escolas de 27%, no Rio de Janeiro e Recife, ao máximo de 34%, em Goiânia, Cuiabá, Manaus e Fortaleza.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Proporção de alunos*, por percepção das conseqüências da violência na escola sobre o seu desempenho escolar, segundo capitais das Unidades da Federação 2000

Capitais	Conseqüências da violência na escola sobre o desempenho escolar		
	Não consegue se concentrar nos estudos	Fica nervoso, revoltado	Perde a vontade de ir à escola
Distrito Federal	46	32	31
Goiânia	46	34	34
Cuiabá	51	39	34
Manaus	52	33	34
Belém	46	28	28
Fortaleza	49	32	34
Recife	41	29	27
Maceió	46	33	29
Salvador	46	30	31
Vitória	44	34	31
Rio de Janeiro	42	28	27
São Paulo	42	32	33
Florianópolis	38	32	29
Porto Alegre	42	33	32

Fonte: Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, UNESCO, 2001.

Notas: Foi perguntado aos alunos: "Como você acha que a violência afeta seus estudos: (Marque todas que forem verdadeiras)". Os percentuais referem-se apenas às respostas afirmativas.

* Dados expandidos

Diante do exposto, vê-se que a violência possui diversas conseqüências para o aluno no seu desenvolvimento educacional e social. Mas, se já há muita clareza sobre o fato de que a violência influencia em todas as esferas da nossa vida, permanecem as indagações e as dúvidas sobre os caminhos para combater a violência e como essas ações e iniciativas se darão.

CONCLUSÃO

A escola serve como local de descobrimento de si mesmo e da sociedade, de ajuda ao aluno a desenvolver a sua personalidade, seu caráter e sua forma de ver o mundo. Contudo, precisa-se ter como premissa a bagagem que o aluno carrega, ele não chega à escola como uma tábula rasa e sem conhecimentos. Na verdade, muitos aspectos influenciam a forma como esse aluno vai ser no ambiente escolar, podendo o transformar num aluno desde introspectivo até agressivo.

Cabe à escola, portanto, interagir e dar suporte a este aluno para que o mesmo se sinta livre e confortável. Essa instituição não deve ser mera reprodutora da violência que a mesma sofre da sociedade, e sim, proteger esses sujeitos da mesma mostrando outras possibilidades, lhe abrindo



horizontes e expandindo seu olhar sobre si mesmo e suas capacidades.

A escola deve possibilitar uma convivência que valorize o outro como ser humano, baseada em valores como: responsabilidade, solidariedade, justiça e respeito mútuo refletindo assim nas relações cotidianas que estes terão. Por isso, a Educação em Direitos Humanos é um dos mais importantes instrumentos no combate às formas de violência, visto que educa na tolerância, na valorização da dignidade e nos princípios democráticos (CARBONARI, 2007, p.487).

Pelo exposto, salienta-se que o professor, diretor, supervisor e funcionário diante de uma situação problematizadora necessitam adotar uma postura criativa com maturidade emocional para posicionar-se frente das escolhas e decisões que venham a fazer ou ter para com o(s) adolescente(s) envolvido(s) em violência. Esses profissionais membros da comunidade escolar conhecendo quem é o aluno, qual o motivo, o comportamento nos últimos dias e, após um elenco de informações e dados, direciona seu olhar na perspectiva do outro, adotando o escutar como meio de melhor conhecer o seu aluno. Criação de um ambiente de confiabilidade.

Neste trabalho foram discutidas as causas, consequências e possíveis soluções para a violência. Entretanto, dentre todas as formas de violência, de acordo com Bourdieu e Passeron (1975) existe uma violência que é inevitável, a da educação, ou seja, a ação pedagógica que impõem sua cultura sob a dos alunos, reproduzindo assim a sociedade em que todos vivem. Essa coerção ocorre muitas vezes de maneira sutil, onde existem pensamentos e comportamentos impostos para que se sigam o que é esperado pela escola. Porém, há aqueles alunos que não possuem essas predisposições e possuem dificuldades de se encaixar, estes, passam a ser considerados os errados, desviantes, revoltados, negligentes. Como consequência, estes alunos encontram na violência uma maneira de tentar reagir a esses padrões que estão lhes impondo.

Portanto, a escola deve buscar compreender o aluno, mantendo sempre um diálogo sincero e aberto e ouvindo-o ao invés de deduzir o que seria bom pra ele. Acredita-se que assim seu comportamento, seja no ambiente social ou escolar pode melhorar, pois com apoio e sentimento de pertencimento em ambas as instâncias, ocorrerá uma transformação nas suas relações que antes eram conflituosas tornando-se saudáveis.

Por isso, é preciso que a escola seja um espaço de referência para a discussão de assuntos da comunidade, de assuntos referentes à ordem social. É preciso que todos os agentes envolvidos no processo educativo busquem um sentido de existência para o currículo e promovam novas formas de relações que revolucionem o que está posto. É preciso a promoção dos direitos humanos por



meio do cotidiano, como referência para a ação educativa. É preciso resgatar a vida denunciando uma realidade que a destrói.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÊGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- ABRAMOVAY, M.; AVANCINI, M. F. *A violência e a escola: o caso Brasil*. Brasília: UNESCO, 2003.
- BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BRAGANÇA, G. A.; MATTOS, C. L. G. *A violência na escola e o fracasso escolar*. II Colóquio Internacional Cidadania, Educação e Exclusão. 2007
- BRASIL. Secretaria especial dos Direitos Humanos. *Estatuto da criança e do adolescente: lei federal nº 8.069/1990*. Brasília, DF, 1990.
- CHITRALI, J. *Dynamics of gender based violence: investigating the effects of violence in Pakistani school on school dropout and loss of creativity among students*, 2015.
- CRITELLI, D. M. *Educação e dominação cultural: tentativa de reflexão ontológica*. São Paulo: Cortez, 1981.
- DIÓGENES, E. M. N. *Educação em Direitos Humanos e Diversidade: aspectos metodológicos em movimento*. (texto digitado)
- DUBET, F. *A escola e a exclusão*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 119, p. 29-45, jul. 2002
- FEIJÓ, M. C.; ASSIS, S. G. de, *O contexto de exclusão social e de vulnerabilidade de jovens infratores e de suas famílias*. Estudos de Psicologia 2004.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GUIMARÃES, A. M. *A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade*. Campinas/SP: Editora Autores Associados, 1996.
- MATTOS, P. H. C. *A escola da não-violência*. Mundo Jovem. Ano. XLI. nº 340. set./2003.
- MENEGHEL, S. N., GIUGLIANI, E. J., FALCETO, O. *Relações de violência doméstica e agressividade na adolescência*. Cadernos de Saúde Pública, 14(2), pág. 327-335. 1998.
- MICHAUD, Y. *A violência*. Coleção Princípios e Fundamentos. São Paulo: Editora Ática, 1989. *Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3)* / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da e atual. - - Brasília: SDH/PR, 2010.
- VASCONCELLOS, S. de S.; MATTOS, C. *A inclusão e a exclusão escolar de alunos e alunas do ensino fundamental pela interação entre professor e aluno*. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Paraná, 2009.
- WERNER, D. *Para as origens do crime urbano: estudos internacionais sobre as causas sociais do crime e suas implicações num caso brasileiro de menores carentes*. Relatório de pesquisa para CNPq não-publicado, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1990.